

Pautas para a evangelização da cidade, hoje

Guidelines for city evangelization today

Flavio Fernando de Souza¹

Resumo: Tem-se por objetivo responder à indagação de como evangelizar as cidades latino-americanas, hoje. Parte-se da compreensão da cidade e das transformações urbanas na contemporaneidade, situadas no contexto de crise da Modernidade. Em decorrência desses cenários, identificam-se características das subjetividades urbanas e de suas formas de relação com a religião, as implicações pastorais e as exigências na consecução de uma evangelização inculturada das cidades e das culturas urbanas. Propõe-se um conjunto de considerações sobre o perfil e uma agenda para a pastoral urbana. Conclui-se que, para evangelizar a cidade, hoje, é necessário um novo paradigma de pastoral urbana que comporte um itinerário, uma pedagogia, um caminho com jeito próprio, com rosto próprio dos sujeitos nas diferentes espaçotemporalidades urbanas da atualidade. É um processo que tem, como exigências, que se parta de uma atitude de assunção das cidades, das culturas urbanas emergentes e seus sujeitos, assumidos em sua integralidade, em suas luzes e sombras, saindo ao seu encontro nas novas condições e situações socioculturais e espaçotemporais urbanas das cidades latino-americanas e acolhendo suas múltiplas e diversas representações sobre a religião, a vida, as relações, a pastoral, enfim sobre a evangelização urbana, na qual esses novos sujeitos são interlocutores e agentes.

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Membro do Grupo de Pesquisa José Comblin (PUCSP) e do Grupo de Pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso (PUCPR). Consultor educacional – FFS Consultoria Educacional.

Palavras-chave: Cidade; Mundo urbano; Evangelização; Inculturação; Pastoral urbana.

Abstract: The objective is to answer the question of how to evangelize Latin American cities today. It starts from the understanding of the city and the urban transformations in contemporary times, situated in the context of the crisis of Modernity. As a result of these scenarios, we identify characteristics of urban subjectivities and their forms of relationship with religion, the pastoral implications and demands for achieving an inculturated evangelization of cities and urban cultures. And it proposes a set of considerations about the profile and an agenda for urban pastoral. It is concluded that, to evangelize the city today, a new urban pastoral paradigm is needed that includes an itinerary, a pedagogy, a path with its own way, with its own face of the subjects in the different urban space-time today. A process whose demands are based on an attitude of assumption of cities, emerging urban cultures and their subjects, assumed in their entirety, in their lights and shadows, coming to meet them in the new conditions and sociocultural and spatiotemporal urban situations of the cities. Latin American cities, embracing their multiple and diverse representations of religion, life, relationships, pastoralism, and finally about urban evangelization in which these new subjects are interlocutors and agents.

Keywords: City; Urban word; Evangelization; Inculturation; Urban Pastoral.

Introdução

Pensar e realizar a evangelização no mundo urbano hoje implicam à Igreja, aos teólogos e agentes de pastoral reconhecer e responder às novas interpelações pastorais advindas de sua situação histórica contingente, situadas em determinado contexto e sob condições específicas que exigem respostas novas e próprias. Precisamos buscar entender o mundo de hoje para podermos identificar e situar-nos frente aos desafios pastorais aí engendrados.

Urge assumir a cidade, sua complexidade, suas ambiguidades, sua diversidade, as culturas urbanas que ali emergem e as subjetividades urbanas como pontos de partida de um processo que envolve aproximação, encontro, diálogo, escuta, misericórdia, respeito e alteridade, enquanto condições para

o desenvolvimento de novas formas de presença e novas ações da pastoral urbana, consequentes com esses sujeitos em suas diferentes condições, na diversidade espaçotemporal e sociocultural urbana latino-americana na contemporaneidade.

Contudo, conforme adverte Amado (2010, p. 68), o “novo perfil de cidade” na Modernidade-tardia não cede fácil a leituras interpretativas. Será preciso envidar esforço intelectual capaz de olhar o complexo, integrando o específico e o conjunto desse novo perfil, ou melhor, desses novos perfis, para perceber as características superficialmente aparentes, assim como compreender as tendências latentes. Ou seja, é preciso estar atento ao contexto em que se produzem e reproduzem esses novos perfis, pois “qualquer reflexão sobre a cidade passa necessariamente por um mínimo de compreensão das tendências da Modernidade avançada e sua presença nela” (LIBÂNIO, 1996, p. 11).

Implica, portanto, lançar mão de abordagens sobre a cidade e os espaços urbanos por meio das quais se possam identificar as interpelações pastorais que se apresentam em e a partir desses contextos, de tal modo a engendrar um novo paradigma de pastoral urbana, enquanto mediação para a Igreja e os agentes de pastoral se conectarem com “o modo de ser, pensar e viver dos habitantes da cidade” (COMBLIN, 2011, p. 8), aqueles que não apenas residem nas cidades, mas são por ela atingidos e influenciados por meio das culturas urbanas.

Estatisticamente, hoje, tem-se 52% da população mundial vivendo nas grandes cidades, as megalópoles do presente, e, na América Latina, esses dados são ainda mais alarmantes, correspondendo a 82% da população (SISTACH, 2016, p. 11; CASTELLS, 2016, p. 29). Sua concentração nesses espaços, com uma configuração inédita na história e apresentando um crescimento descontrolado nas áreas metropolitanas, questiona a própria possibilidade da cidade enquanto tal, fazendo ruir os critérios rurais herdados no período anterior à urbanização globalizante.

Observa-se que a pastoral urbana da Igreja enfrenta dificuldades para atingir a cidade porque, além de esconder-se dela, a ignora, resistindo a

sair ao encontro dos apelos da cidade e das subjetividades urbanas, presa ainda no modelo de paróquia, tributário de uma cristandade à beira da extinção, incapaz de seduzir as novas gerações, especialmente porque “continua tratando os habitantes da cidade como se fossem os camponeses de outrora” (COMBLIN, 2011, p. 8-9).

Nesses cenários, marcados pelas ressonâncias da crise da modernidade, observam-se, por um lado, a emergência de novas interpelações das subjetividades urbanas e, por outro, o esgotamento de alguns modelos de organização e de práticas pastorais. Pressupondo-se que “as transformações das grandes cidades e a cultura que exprimem são um lugar privilegiado” (SISTACH, 2016, p. 12), ou seja, um “*locus theologicus*” que exige uma evangelização “realmente nova” (BRIGHENTI, 2013), tornam-se urgentes pensar e projetar ações de pastoral urbana enquanto condições de possibilidades para uma nova presença e significação da ação evangelizadora da Igreja no mundo urbano, para que esta seja efetivamente urbana, inculturada, resposta nova às novas condições e situações da humanidade.

Sentimo-nos provocados por essas questões e assumimos o risco de pensar essas novas respostas a partir da opção por um novo paradigma de pastoral urbana inculturada. Esse novo paradigma é constituído enquanto mediação para a elaboração de itinerários capazes de compor, estruturar, articular e potencializar novas ações pastorais que configurem uma evangelização realmente nova para as cidades, e caracterizado por novas formas de presença, de práticas e de vinculação entre a Igreja e os sujeitos urbanos, num processo que tem, como pontos de partida, o ser humano e suas realidades concretas nos espaços urbanos, hoje.

Com o objetivo de responder à indagação de como evangelizar as cidades latino-americanas, hoje, iniciamos apresentando algumas considerações sobre a cidade no contexto da crise da Modernidade e das transformações do urbano na contemporaneidade. Na sequência, buscamos nos aproximar, compreensivamente, das subjetividades urbanas e de suas formas de relação com a religião, identificando as implicações pastorais e as exigências daí decorrentes na consecução de uma evangelização inculturada das cidades e das culturas urbanas emergentes desses contextos. Finalizamos

propondo elementos para a composição de um novo paradigma de evangelização das cidades latino-americanas, hoje.

A cidade no contexto das transformações do urbano na contemporaneidade

Compreender a cidade na atualidade, enquanto espaçotemporalidade humana, construção histórica, social e cultural, implica considerar a interdependência entre os fenômenos da globalização, da urbanização e da informatização, que passam a caracterizar, com diferentes matizes, intensidades, limites e possibilidades, a vida de praticamente todas as sociedades no momento atual. Esses são três fenômenos fundantes da condição contemporânea de nossa civilização moderna, que criam uma vida em permanente movimento, marcada pela “insegurança e a incerteza” (BAUMAN, 1999).

As megalópoles da sociedade informacional, em redes, cibernéticas, e cada vez mais complexas e contraditoriamente heterogêneas, apesar de ostentarem a intenção de um mundo unificado e homogêneo, estão povoadas por conflitos étnicos, religiosos e políticos. Denotam a pretensão universalista e interessada de sobreposição de um conjunto de forças econômicas de internacionalização da lógica do capital, que prevalece sobre o político, o cultural, o vivencial e o simbólico.

A espaçotemporalidade urbana se torna mediação do processo de remodelação do capital, do qual resultam as megalópoles do presente como negócio. A cidade se mercadoliza e, enquanto mercadoria, expande-se, submetendo a essa mesma lógica todas as relações sociais que ali se estabeleçam. Resulta desse processo uma ressemantização dos espaços coletivos e comunitários, âmbitos da exterioridade, e uma negação do humano e do cidadão, âmbitos da interioridade, este último reduzido ao consumo e à passividade em sua constituição e participação nesses espaços, assim como a um processo cíclico e veloz de satisfação/insatisfação que altera profundamente também sua noção de tempo.

O século XX, como o século da urbanização, é a época da passagem da cidade situada no mundo para um momento em que se tem uma cidade que passa a abrigar o “mundo todo”, uma “cidade-mundo”, e, ao mesmo tempo, uma cidade que se mundializa, um “mundo-cidade” (AUGÉ, 2016). Essa é a cidade da sociedade informacional, sob as marcas da globalização e da urbanização, a cidade-rede, vai se afirmando sobre todo o mundo, em cada recanto da urbana aldeia global. Seu território não tem limites nem fronteiras, espetaculariza-se, exterritorializando-se.

Enquanto fenômeno essencialmente ambíguo, o tecido urbano é marcado pela segregação e a diferenciação espacial, que confere a cada um seu status, enquanto estabelece e dá suporte a um modo de viver: a sociedade urbana, um aglomerado onde todos são estranhos uns aos outros (SENNETT, 1988), regida por uma simbólica que a sustenta, significa e ressemantiza – a cultura urbana.

O urbano ultrapassa a própria cidade, desliga-se do território, açambarcando cidade e campo, penetrando todas as dimensões e âmbitos de sua espaçotemporalidade, veiculando seus valores, regendo comportamentos, oferecendo formas de lazer e de comunicação, enfim, seus produtos e suas novas exigências estão sob o ditame da sociedade de consumo, “uma sociedade burocratizada de consumo dirigido”, conforme especifica Lefebvre (2006, p. 103). Sob esta, a cidade, histórica, clássica, se dissolve e decompõe-se, como consequência da desintegração sociocultural promovida pela aliança mutuamente implicante e interdependente entre os fenômenos da globalização e da urbanização, financiados por uma revolução informacional e orientados ao mercado de consumo.

A “desintegração” do tecido das relações sociais urbanas, assim como a crescente ameaça à dissolução do ideário socialdemocrata da cidade nascida no segundo pós-guerra despontam como consequências, de um lado, das concentrações, nos ditos “centros globais”, das funções mais avançadas do capitalismo, reacomodado segundo a lógica de redes, e, por outro, dos crescentes e intensos fluxos populacionais que emigram para essas megacidades, forçando sua redistribuição espacial. Vincula-se a essas o fato do crescente distanciamento, na distribuição de renda, da “nova elite global

móvel” (BAUMAN, 1999) e altamente profissionalizada, que se forma e ocupa os bairros nobres, afastando o “restante” da população para as periferias, à margem dos bens e dos sistemas de proteção social próprios à vida urbana.

A partir do final do século XX e avançando até o momento presente, a metrópole industrial – produzida sobre a hegemonia do capital industrial, das relações societárias definidas com base na estruturação e estratificação do trabalho na fábrica, e dos diversos movimentos de afiliação que buscavam melhores condições de trabalho e de vida – vai sendo progressivamente substituída pela metrópole financeira – a “pós-metrópole”, “cidade-território”, “*global cities*”, entre outras tentativas de conceituação conforme diferentes matizes e perspectivas.

Assiste-se, nesse período também, o “movimento que vai da internacionalização do capital ao da mundialização da sociedade como sociedade urbana” (CARLOS, 2013, p. 105), que, sob a égide da hegemonia do capital financeiro e da revolução informacional, submete a vida ao cotidiano urbano, tornando o cidadão um consumidor de símbolos e espetáculos, absorvido numa busca compulsiva por satisfação, sempre fugaz, provisória e insaciável.

Global e urbano implicam, a um só tempo, o fragmento, a velocidade, o deslocamento, numa realidade fluida, “superficial e efêmera” (LIPOVETSKI, 2009), “líquida” (BAUMAN, 2001), que tudo satura e conforma, como uma gigantesca cidade, a “cidade-mundo” (YORY, 2006, p. 13). A cidade em redes, conectada, uma cidade-compra, uma cidade-consumo que se porta como uma grande galeria, uma vitrine aberta a atrair turistas. Sob a lógica do mercado, da produção-consumo, a cidade se torna polifônica (CANEVACCI, 2004), dispersa, policêntrica (HALL, 2006), diversa: “o ‘lugar’, que sempre teve sua excelência na ‘morada’, ou seja, no lar, no sítio, na residência, se torna simulacro nos ‘não-lugares’, espaços da cidade em que nunca se está com as mesmas pessoas: aeroportos, shoppings, praças de alimentação, corredores” (SUSIN, 2016, p. 25), estações de trens, ônibus, metrô etc.

Nos lugares antes ocupados e a eles referentes, da fábrica e do centro, que garantiam certa estabilidade e organização espaçotemporal à cidade e seus habitantes, está-se agora “na presença de um espaço indefinido, homogêneo, indiferente nos seus lugares” (CACCIARI, 2010, p. 33). Esse é a “cidade-território” da “pós-metrópole”, espaço da fluidez e da velocidade e, portanto, do não-espaço e do “não lugar” (AUGÉ, 2012), sob a tirania do tempo, de sua instantaneidade e de sua simultaneidade.

Consequente a isto, o território pós-metropolitano, desprovido de sua dimensão concreta de lugar, passa a ser um “não lugar”, móvel, desenraizado, no qual não se é possível acomodar-se, morar nele, habitá-lo, apenas ocupá-lo, ainda que momentaneamente, movendo-se nele de maneira incessante, produzindo um fenômeno de megaurbanização, que em “lugar de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la” (BAUMAN, 1999, p. 25). Quem vivia ali? Onde estão as casas e as pessoas que ali construíram suas vidas e histórias, nesse lugar onde agora está uma avenida, um shopping, uma estação? São “resíduos urbanos” (EG, n. 74), sobras da modernização, deixados à margem, “deslocados e expulsos de suas pobres casas pela implacável construção da avenida, e que agora perambulam por um espaço que não é mais seu, em que se tornaram estranhos” (SUSIN, 2016, p. 25).

Tornaram-se megacidades, com mais de dez milhões de habitantes. Crescem a um ritmo desenfreado. Esse é um problema de caráter social, cultural, alimentício, ético e higiênico, segundo Duch (2015, p. 465), que marca diferentemente as tradicionais cidades europeias e norte-americanas em relação às cidades latino-americanas, demarcadas por uma extensa “área indiferenciada do ponto de vista arquitetônico, cercada por áreas periféricas residenciais, ‘guetizadas’ umas em relação às outras” (CACCIARI, 2010, p. 34).

Nesse contexto, em que se fundem globalização e urbanização, a grande ameaça à cidade torna-se a incessante fragmentação a que são submetidos todos os processos do viver e do conviver, tanto de indivíduos, quanto de grupos humanos inteiros. Sob os arbítrios dessa nova ordem mundial, nas megalópoles atuais, auto implicam-se sua complexidade inerente, sua heterogeneidade invisibilizada, sua polarização segregacional, a

velocidade e a mobilidade, a serviço do consumo.

Conforme Yory (2006, p. 18), “complexidade, consumo e globalização conformam uma indissolúvel tríade sem a qual é impossível compreender a cidade, hoje”. Tais características, aliadas a processos ambivalentes de desterritorialização, “dão um toque final na desintegração das formas localmente baseadas de comunhão, de vida comunitária” (BAUMAN, 1999, p. 28), produzindo um estado de risco e caos permanente, de insegurança e de medo, de patologias sociais e individuais.

Em um mundo sem referentes claros e confiáveis, e contraditoriamente aos processos afirmativos e constitutivos de afiliação e de concidadania sobre que se fundaram as cidades antigas, assiste-se a amplos movimentos de “desfiliação”, marcados, de um lado, por um crescente desinteresse em criar possibilidades de convergência em todos os âmbitos – quer seja na política, na cultura, nos sindicatos ou na religião – e, por outro, por processos e movimentos de “hiperfiliação” (DUCH, 2015, p. 476), quase sempre de caráter conservador, tendentes ao fundamentalismo, ao prejulgamento e ao exclusivismo, que propagam rivalidades étnicas, sexuais, políticas e religiosas.

São realidades ambíguas que expressam o avanço das capacidades criativas e de comunicação humano-tecnológicas e se transformam em resposta uniformizada, doentia, entorpecida e dissimulada à fuga diante do temor e do pânico frente ao exterior e ao estrangeiro, ao diferente, ao plural. É uma espécie de imigração interior, pretexto para uma evasão a espaços e tempos privatizados frente às exigências éticas próprias à espaçotemporalidade humana compartilhada em sociedade.

Nas megacidades atuais, marcadas por individualismo, fragmentação, heterogeneidade, desterritorialização e “dessemantização do lugar, a fragilidade e descartabilidade dos meios, a indeterminação e a plasticidade das identidades, e acima de tudo, a nova permanência da transitoriedade” (BAUMAN, 2004, p. 168), pairam sobre os homens e mulheres de nossa época os espectros da exclusão, da segregação, do ocultamento e da invisibilização, expressamente visíveis na periferização das

idades e na guetificação de populações, artificial e forçosamente agregadas, mas, não, comunidades.

Subjetividades urbanas e experiência religiosa na atualidade

Para além da construção dos cenários, em cujo centro enfatizamos os fenômenos da globalização, da urbanização e da informatização como constituintes do que chamamos de mundo urbano, pensar uma pastoral urbana consequente com o momento atual implica um segundo movimento intelectual. Cabe destacar desta relação entre as culturas urbanas e o mundo das megacidades aqueles elementos indicativos dos impactos, desafios, dificuldades e possibilidades sobre o âmbito religioso, com especial atenção para o conjunto das modificações produzidas sobre a relação do “indivíduo” com a religião nestes cenários.

Se por um lado parecem ser consequentes e até óbvias as relações entre a Modernidade e a cidade, naquilo que se define como “cultura urbana” (COMBLIN, 2002; 2011), no âmago de uma “sociedade fragmentada” (FRANÇA MIRANDA, 2006), por outro, contudo, as relações entre a cidade atual e a Igreja não se parecem tão claras assim. Ainda urgente é a tarefa de discernir e ressituar a ação evangelizadora da Igreja na cidade.

Ao falarmos em subjetividades urbanas, é preciso destacar que, na cidade-rede, desenvolve-se e move-se por ela não mais um cidadão entre concidadãos, mas um indivíduo “ensimesmado”, fragmentado, um estranho entre estranhos, a transitar entre os espaços públicos das urbes, fadado a encontros incidentais segundo sua utilidade e funcionalidade em relação ao consumo. Os espaços públicos da urbe-consumo são lugares em que estranhos “transitam sem ter que dar-se a conhecer, formam parte da massa de desconhecidos em incessante movimento” (DUCH, 2015, p. 472). O urbano, portanto, ressignifica e ressemantiza as subjetividades e o espaço público. Tornando espaço de consumo, estabelece uma “cultura da cidade” – a chamada cultura urbana de massa – que “induz comportamentos, perfila itinerários, propicia hábitos e estabelece toda uma série de sequências nas

dinâmicas que suscita sua espacialidade” (YORY, 2006, p. 63).

Ao consumidor, o indivíduo “gerado e incubado na sociedade de consumo” (BAUMAN, 1999, p. 90), fadado a estar sempre em movimento e em busca por satisfazer seus desejos, a urbe-consumo oferece um sem número de experiências sensoriais. Compelido a “acumular sensações” (ibid., p. 91), especialmente promovidas pela imagem, os consumidores tornam-se indivíduos insatisfeitos, impacientes, instigáveis e que facilmente deslocam seus interesses de um produto e de uma sensação para outra. De tal modo, pode-se afirmar que, hoje, o consumo deixa de ser mera atividade para se tornar, por um lado, gerador da “forma de vida que por excelência nos caracteriza” (YORY, 2006, p. 96) e, por outro, uma vez que nesse contexto tudo se vende, sobretudo enquanto imagem, converter-se “na maneira como habitamos o mundo” (ibid., p. 96).

Cada vez mais, a vida humana se vê ameaçada, especialmente em seus modos de vida coletiva, conforme expressam as atuais condições de deterioração da vida social nas grandes cidades, na generalização da violência urbana e da cultura do medo que lhe é consequente. Contribuem para isso: o clima de desconfiança generalizada; a cultura do individualismo e da competitividade; ausência de redes de proteção social; a falta de perspectivas de futuro para as juventudes; a corrupção institucionalizada; a falência do sistema prisional, tornado escola do crime; a exclusão do sistema habitacional formal, assim como da formalidade ocupacional; uma espécie de “crise da alma”, que corresponde ao agravamento das situações de saúde mental, depressão, alienação, desespero e suicídios; velhice marginalizada, entre outros.

O colapso do sonho moderno e a agudização da situação dramática das condições de vida das pessoas, especialmente daquela porção majoritária da população mundial deixada à margem das benesses prometeicas da Modernidade e de suas megalópoles, colocam-nos frente a frente com um “cenário de escombros civilizatórios” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2015, p. 40) de uma modernidade fragmentada e colapsada. Alia-se a isso o fenômeno da secularização, produto e produtora da Modernidade, que acarreta “a perda do significado social das crenças e instituições religiosas, com frequência visto

como fenômeno de ‘crer sem pertencer’, ou processo de desinstitucionalização” (AZCUY, 2011, p. 5).

“As grandes urbes converteram-se em ‘espaços em movimento’, polifacéticos [policêntricos], plenos de tensões, de centros cambiantes” (ECKHOLT, 2014, v.1, p. 28). Produz-se uma “urbanidade líquida” que se expressa na pluralização de estilos de vida, na desobrigação perante as cosmovisões e instituições tradicionais, na fragmentação de antigas hegemonias culturais, entre elas, a da religião, fazendo aparecer uma “pluralidade de formas e práticas de vida cultural” (2014, p. 28), com impactos visíveis tanto no âmbito institucional da religião quanto da experiência religiosa dos sujeitos.

A individuação, a emergência do subjetivo e a pluralidade passam a caracterizar a experiência religiosa hodierna. Enquanto fenômenos que, por um lado, modificam a compreensão do sujeito sobre si mesmo, de suas relações com outros e com as instituições e, por outro, articulam novas e específicas maneiras “de crer no universo cultural da Modernidade” (HERVIEU-LÉGER, 1993), influem sobre as formas de viver a experiência religiosa na atualidade, produzindo a homogeneização dessas experiências sob os signos da fluidez e dos deslocamentos, num processo dispersivo, de multiplicação de ofertas possíveis para sua realização e de pluralidade de itinerários de espiritualidade, ou seja, de fragmentação.

A individuação altera a relação do sujeito com as instituições sociais. Num contexto em que se decompõem as certezas e os sistemas tradicionais rígidos, relativizam-se normas, valores e credos. A multiplicação de escolhas favorece a indecisão, a perplexidade, a relativização e o nivelamento que reduz tudo ao ponto de vista individual e à provisoriade de cada escolha.

A emergência do subjetivo, por sua vez, implica uma recomposição do sujeito enquanto corporeidade, sexualidade e sensibilidades, expressando a manifestação da necessidade de experimentar as opções, os valores, os comportamentos e a não aceitação passiva do transmitido pelas instituições sociais.

A pluralidade, associada à individuação e à emergência do subjetivo,

resulta no fenômeno da fragmentação e da superabundância de opções religiosas diversas, na seletividade e desfiliação em relação às religiões tradicionais, a que corresponde um processo de redistribuição da afiliação religiosa, configurando pertenças parciais, provisórias e, até mesmo, de indeterminação religiosa, cada indivíduo percorrendo seu próprio itinerário nesse processo.

Consequente a isso, a experiência religiosa, na atualidade, passa a se caracterizar pela presença do sagrado fora da regulamentação exercida pela instituição tradicional, fora do esquema institucional, de caráter imanentista, e pela relativização da religião institucionalizada. Tudo indica a suspeição quanto à necessidade de um dispositivo institucional regulador e unificador do sagrado, uma vez que o polo definidor das diferentes formas de crer passa a ser o indivíduo, o pequeno grupo ou a fraternidade.

Essa é uma nova proposta para a experiência religiosa, que coloca em suspeição a forma e as configurações, assim como as práticas das religiões históricas tradicionais em sua crescente dificuldade de diálogo com o mundo urbano atual, diante das “cosmópolis” marcadamente plurais e multiculturais.

Expressa-se de maneira eclética e difusa, sempre “multi”, em que se fluidifica a ideia de pertença e na qual se proliferam as crenças e “comunidades”, enquanto expressões de uma condição de “composição” a modo próprio, que transforma, de maneira profunda, a relação e a experiência desse sujeito com a religião e suas expressões e itinerários de pertenças.

Essa é uma “religião em movimento”, segundo Hervieu-Léger, que se mostra por meio das figuras explicativas do “peregrino” e do “convertido”, em oposição à do “praticante”, num mundo “marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças e das pertenças confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por ‘crentes passeadores’” (2015, p. 28).

Caracteriza-se, também, por uma nova sensibilidade religiosa, enquanto expressão da “vitalidade do sagrado e da busca de uma experiência religiosa para o homem e para a sociedade de hoje” (MARDONES, 1996, p.

114), peculiarmente manifesta por um sujeito que reivindica seu protagonismo no exercício da religião, ao mesmo tempo em que se “relativiza para ele a definição e a regulação institucional da mesma” (AZCUY, 2011, p. 6). Apresenta-se sob formas e tendências diversas, algumas das quais correspondem a movimentos fundamentalistas, tanto de matriz católica quanto protestante, religiosidade oriental, esoterismos holísticos, New Age, entre outras.

Marcadamente subjetiva, experiencial e emocional, constitui uma sensibilidade religiosa que parece responder a algo peculiar da cultura atual: a “sede de sagrado” (MARDONES, 1996, p. 127), ou “sede de espiritualidade” (AZCUY, 2011, p. 1), e, por isso mesmo, um campo desafiante e potencialmente aberto para repensar a presença e pertinência da Igreja e sua ação evangelizadora nas espaçotemporalidades urbanas da atualidade.

Pautas para a evangelização da cidade, hoje

A evangelização é a razão de ser da Igreja (COMBLIN, 2013, p. 1). O dilema de como anunciar a mensagem cristã aos homens e às mulheres de hoje enquanto “serviço a toda a humanidade” (EN, n.1), que inquietou Paulo VI e o levou à publicação da *Evangelii Nuntiandi* em 1975, continua a ser uma pergunta pertinente e necessária no contexto atual. Essa é uma mesma e permanente pergunta, reelaborada em um novo contexto e diante do qual é preciso forjar novas respostas.

Pressupondo-se que “as transformações das grandes cidades e a cultura que exprimem são um lugar privilegiado” (SISTACH, 2016, p. 12), ou seja, um “locus theologicus” para uma evangelização “realmente nova” (BRIGHENTI, 2013), entendemos que a cidade e a cultura urbana também são condições de possibilidade para enfrentar a sua manipulação, dado que sempre provisória e disponível à ressemantização.

O ponto de partida para essa atitude de esperança é que “a fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos” (DAp, n.

514). Torna-se urgente, portanto, pensar e projetar ações de pastoral capazes de gerar novas presenças e significação para a ação evangelizadora da Igreja no mundo urbano, para que essa seja efetivamente urbana, inculturada, resposta nova às novas condições e situações da humanidade.

No processo de planejar as mediações da pastoral urbana, propomos considerar um conjunto de desafios, exigências e condições para evangelizar a cidade, hoje, oriundos tanto das transformações do urbano na atualidade, quanto das subjetividades e das novas formas de vínculos e pertencas que caracterizam a experiência religiosa nos cenários urbanos hodiernos.

Por um lado, portanto, somos desafiados a assumir a cidade, as culturas urbanas emergentes e seus sujeitos em sua integralidade, em suas luzes e sombras, saindo ao seu encontro nas novas condições e situações socioculturais e espaçotemporais urbanas em que vivem. Também somos desafiados a tomar em conta suas representações sobre a religião, a vida, as relações, a pastoral, enquanto elementos de potencial importância para a compreensão da vida da Igreja no mundo contemporâneo, de ressignificação de sua missão em contextos urbanos e de renovação de métodos e conteúdos de sua ação pastoral.

Constituem exigências para as ações da pastoral urbana oriundas dos próprios contextos urbanos: considerar a cultura (material, social e interpretativa), a maneira particular da vida de um povo, como porta de entrada para a pastoral urbana, articulando-a “em torno de um projeto histórico, socialmente transformador e culturalmente pluralista” (SUESS, 1994); evangelizar a partir da cultura local num processo que envolve e engaja todos os sujeitos; comprometer-se com a humanização da cidade e a promoção da dignidade humana; potencializar uma pedagogia do diálogo e da convivência intercultural; e promover a consciência por uma ecologia integral e uma conversão ecológica.

Por outro lado, também somos desafiados a uma nova compreensão sobre as subjetividades urbanas e as novas condições da experiência religiosa na atualidade. Tem-se por suposto que as dissensões, os distanciamentos, a perda de vínculos e as mutações no sentido de pertença na relação entre a

Igreja e os indivíduos na contemporaneidade devem-se, em grande parte, a duas razões principais interdependentes: as mudanças culturais que permeiam e fundam o que chamamos de mundo urbano na atualidade; e a própria dificuldade na maneira de a Igreja mesma situar-se no mundo atual, de como se dirige e o que propõe ou oferece às pessoas.

Consequente a essas novas condições dos sujeitos e da experiência religiosa na atualidade, torna-se indispensável compreender em que mundo estamos vivendo e com que pessoas estamos tentando nos comunicar, quem são e o que buscam nossos interlocutores. Para que a pastoral urbana se torne condição de possibilidade de uma nova abertura, de uma nova reaproximação e de estabelecer novos vínculos, será preciso: tomar a realidade dos sujeitos interlocutores e as subjetividades urbanas como pontos de partida dos processos de evangelização das cidades; desenvolver a atitude de sair em direção às periferias existenciais; promover novas formas de vínculos, com base em mudanças no pensar e no agir pessoal e comunitário; fomentar o diálogo e a convivência colaborativa entre as religiões, com base em uma pedagogia da convivência e do diálogo inter-religioso de modo a transfigurar-se em novas formas de ser cristão e de agir pastoralmente nas espaçotemporalidades urbanas, hoje.

Procedem desses desafios e exigências, que marcam os cotidianos urbanos em que vivemos, pelo menos quatro condições para uma “conversão pastoral” (DAp, n. 365) e uma “renovação eclesial” (DAp, n. 367), ou seja, uma mudança nas ações e nas estruturas que nos possibilite acolher, ler, escutar e evangelizar a cidade, sua cultura e a vida dos sujeitos urbanos, por meio de uma ação evangelizadora dialógica, libertadora, pertinente e consequente com o momento atual.

A primeira condição implica assumir esse tempo de mudanças profundas como possibilidade, enquanto tempo fecundo para a conversão e renovação de métodos e formas da ação evangelizadora, capaz de inculturar-se no mundo urbano no momento atual e daí encontrar os fios necessários para estabelecer um diálogo com as culturas de seus interlocutores nas situações urbanas e nas suas condições de vida, hoje.

Uma segunda condição requer considerar a maneira como se enxergam os desafios e como se responde e age diante deles, seja assumindo o risco de buscar e projetar novas respostas diante das novas condições urbanas e situações socioculturais ou refugiando-se em respostas do passado, de reimplantação ou restauração da cristandade (COMBLIN, 2011; BRIGHENTI, 2004). Cada uma dessas possibilidades de resposta implica um tipo de presença ou ausência, diante e dentro das realidades, configuram uma forma de ser Igreja no mundo, hoje, e de um agir pastoral, consequente ou não com o momento atual.

Consequente ao assumir o risco e elaborar respostas novas, requer-se projetar outras mediações que consolidem outro modelo de ação evangelizadora, capaz de ressignificar a presença da Igreja nas cidades e diante das culturas e das subjetividades urbanas, hoje. Em lugar de continuar ou tentar reafirmar, anacronicamente, o modelo de evangelização centrado na paróquia, de característica centrípeta, estática, fixista e de conservação, um modelo inadequado “face à realidade das grandes cidades” (ALMEIDA, 2009, p. 14), deve-se assumir o risco de pensar em novos modelos que apontem para a capilarização em novas e pequenas comunidades de vida cristã, nos diversos e plurais espaços urbanos, nos quais esses novos sujeitos urbanos possam situar-se e reunir-se, com novas possibilidades de vínculos e intercâmbios, que acolham suas novas formas de ser e crer nesses contextos.

Tendo em vista superar um dinamismo evangelizador centrípeta e autorreferencial, cujas intenções seriam a de implantar a Igreja ou de conquistar adeptos apenas, será necessário ainda, por um novo e renovado esforço de encarnar o Evangelho, num dinamismo centrífugo, que se doa gratuitamente, missionário e de promoção de mais vida, “transformando a humanidade a partir de dentro”, segundo a ótica da *Evangelii nuntiandi* (PAULO VI, 2011), pensar as opções fundantes, os elementos indispensáveis, as mediações e formas para uma ação evangelizadora na e da cidade.

Esse novo modelo de ação evangelizadora implica ainda a necessidade de refontizar e atualizar a práxis cristã em nível pessoal e eclesial, enquanto resposta ao convite ao seguimento de Jesus como encarnação na história, em fidelidade ao contexto concreto dos seres

humanos, ao discernimento dos novos sinais dos tempos e a uma atuação profética que gere a esperança e que denuncie as forças contrárias ao Reino. Desse modo, é-nos permitido aproximarmos às cidades, seus contextos e suas culturas, vividos por pessoas concretas em suas buscas por uma vida abundante, de sentido, de justiça, de paz, um Reino vivido e experimentado no hoje, que se abre para acolher também o esperado na fé.

A pastoral urbana, assim, abre caminhos para a construção de “comunidades com rostos próprios e culturalmente novas” (BRIGHENTI, 2006, p. 41), encarnadas nas culturas dos povos latino-americanos, comprometidas com a sua libertação e, por isso, signatárias de denúncia profética para a transformação daquelas situações que negam o Reino.

Trata-se de evangelizar a cidade a partir de dentro, numa postura de diálogo e serviço, “como um encontro de culturas, um diálogo intercultural” (AZEVEDO, 2001, p. 29), tendo os sujeitos urbanos não como destinatários de uma transmissão, mas, sim, interlocutores para a construção de um novo programa de vida, a partir da experiência de fé humana de Deus que precisa ser assumida, para que possa ser transfigurada, assumindo o humano em sua contingência e precariedade na história para chegar juntos à sua plenitude, à vida em abundância.

Implica empenhar-se por compreender as novas circunstâncias culturais e sociais e identificar aqueles lugares a partir dos quais Deus está chamando, hoje, no clamor dos sujeitos urbanos, em suas diversas e múltiplas realidades de inumanidade e de desumanização, silenciamentos, ocultamentos e situações de exclusão e marginalização produzidas e presentes nos espaços urbanos de grandes e pequenas cidades atuais.

Requer que se traduza tudo isso por meio de gestos concretos de humanização e reconstrução de vínculos que se expressam, por exemplo, na saída da Igreja às ruas, às praças, às estações de trens, metrô e coletivos, lá onde as pessoas “estão”, transitam anonimamente, nos não-lugares das megacidades, transformando, assim, a dimensão e a definição de nossa vida comum paroquial; no acampar nos espaços urbanos coletivos, como resposta viável e concreta à mobilidade a que as cidades nos submetem; fazendo-se

presente nos não-lugares urbanos como forma de estabelecer uma nova pastoral dos vínculos – vínculos esses que são essencialmente humanos e de humanização, não interessados em atrair adeptos ou efetivar vinculações institucionais, simplesmente porque somos cristãos, discípulos missionários –; no ampliar e promover nossas práticas de escuta, de acolhida, de reconhecimento, criando, assim, um espaço intersubjetivo que propicie o anúncio da fé, que transforma o espaço do anonimato, do individualismo em espaço “inter”, lugar de alteridade, de vinculação, de humanização e que contribua, desse modo, para ressignificar o espaço público degradado, a vida das pessoas que transitam por eles e também nossas práticas pastorais.

É necessária uma pastoral urbana que colabore para o preenchimento do vazio de sentido, por meio de gestos simples, mas concretos: “uma saudação, uma bênção, a entrega de um impresso, uma música alegre e outras mediações, que são maneiras simples e decisivas de instaurar uma nova forma de habitar a cidade” (AZCUY; CERVANTES, 2014, p. 230).

Nesse sentido, a pastoral urbana pode converter-se em mecanismo que possibilita a reconfiguração da vida da Igreja na cidade e a articulação de suas ações, como constante movimento de sair de si mesma – de nós mesmos – em busca e ao encontro do outro. Essa é uma saída que exige a reflexão sobre a linguagem, as formas de inculturação da fé nesses contextos, as estratégias de diálogo. Requer-se uma atitude de permanente peregrinação rumo às periferias geográficas e existenciais, lá onde e com quem é possível o encontro pessoal com Deus, assumindo o rosto de uma Igreja samaritana, que atrai pelo seu testemunho e que põe suas raízes nas periferias existenciais da cidade.

Considerações finais

Tendo-se como plano de fundo a análise crítica dos impactos da crise da Modernidade, da urbanização e das culturas urbanas emergentes na vida das pessoas, nas sociedades e no campo religioso, e conseqüentemente, a exigência de ressignificar a ação evangelizadora da Igreja na cidade, aqui se buscou refletir e apresentar elementos para compor um novo paradigma de

pastoral urbana, capaz de potencializar e estruturar as ações pastorais para responder às pessoas frente aos desafios do urbano hoje, o que implica compreender os significados dos novos sinais dos tempos, diante dos quais respostas novas e esclarecidas são necessárias e urgentes.

Inferimos a necessidade de assumir os sujeitos urbanos, desde suas realidades concretas, vividas nas espaçotemporalidades urbanas atuais, como interlocutores de um novo paradigma de evangelização inculturada no mundo urbano. Esse é um desafio que implica tomar em conta a compreensão e desconstrução de modelos de ação pastoral inconseqüentes com o momento atual, assumindo uma nova compreensão sobre o que seria evangelização nesse contexto e as implicações disso a partir de um novo paradigma eclesial e pastoral, não mais de conservação, tributário do modelo de cristandade, mas “decisivamente missionária”, segundo aponta a Conferência de Aparecida (DAp 370).

Situar a ação evangelizadora da Igreja no mundo urbano do momento atual, portanto, sugere também assumir uma nova consciência de eclesialidade e de catolicidade, capaz de respeito e acolhida do outro – em particular preferência aos “outros pobres”, às suas idiosincrasias e diferenças, à sua alteridade irrenunciável, de modo que se torna imprescindível assumir um processo de conversão pastoral e estrutural que implica em “mudanças na consciência, nas práticas, na organização e nas estruturas eclesiais” (BRIGHENTI, 2010, p. 11).

Frente aos desafios postos pelos novos cenários constituídos pela crise da Modernidade, ampliados pelos processos de urbanização e informatização das grandes concentrações urbanas da atualidade, em que se disputam redutos de mentalidades pré-modernas e pós-modernas, a Igreja precisa encontrar novas formas para continuar a desenvolver a sua obra evangelizadora, com novas configurações, pertinentes aos novos interlocutores, às novas situações espaçotemporais e culturais dos sujeitos urbanos, possibilitando que se pense a si mesma, que se possa fecundar-se novamente com o Evangelho e ressignificar sua presença, sua ação e sua voz diante da sociedade, entre as pessoas e as diferentes culturas.

Para a realização desse processo de uma evangelização inculturada no mundo urbano, hoje, portanto, há de se dar um primeiro passo, que consiste na busca por respostas novas que brotam de um acolhimento e leitura crítica da realidade, desde o entendimento de sua própria situação sócio-histórica contingente, de lá onde estão situados, sob condições específicas, com necessidades que exigem respostas que lhes sejam consequentes. Trata-se de assumir a cidade, sua complexidade, suas ambiguidades, sua diversidade, as culturas urbanas que ali emergem, bem como as subjetividades urbanas como pontos de partida de um processo que envolve aproximação, encontro, diálogo, escuta, misericórdia, respeito, alteridade, enquanto condições para o desenvolvimento de novas formas de presença e novas ações de pastoral urbana.

Referências

ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

AMADO, Joel Portela. Cidade, território e evangelização: o desafio de gerar comunidades em ambientes de mobilidade, individualidade e adesão seletiva. In: BRIGHENTI, Agenor. (Org.). *Pastoral Urbana: categorias de análise e interpelações pastorais*. Brasília: Edições CNBB, 2010. p. 65-88.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. O planeta como lugar cidade-mundo e mundo-cidade. In: SISTACH, Lluís Martínez. (Org.). *Pastoral das grandes cidades*. Brasília: Edições CNBB, 2016. p. 51-62.

AZCUY, Virginia Raquel. *Sed de espiritualidad en la ciudad: el reto de un signo de estos tiempos*. 2011. Disponível em: <<http://pastoralurbana.uni-osnabrueck.de/textos/montevideo2011/azcuy.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2017.

AZCUY, Virginia Raquel; CERVANTES, José Juan. Salir a la calle y evangelizar las periferias existenciales: la Carpa Misionera en la Plaza Constitución de Buenos Aires. In: ECKHOLT, Margit; SILBER, Stefan.

Vivir la fe en la ciudad hoy: las grandes ciudades latinoamericanas y los actuales procesos de transformación social, cultural y religiosa. México: San Pablo, 2014. v. 2, p. 203-237.

AZEVEDO, Marcello de Carvalho. *Viver a fé cristã nas diferentes culturas.* São Paulo: Loyola, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Globalização.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade líquida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas.* São Paulo: SOTER: Paulinas, 2004.

_____. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina.* São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Pastoral Urbana: categorias de análise e interpelações pastorais.* Brasília: Edições CNBB, 2010.

_____. Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 45, n. 125, p. 83-106, jan./abr. 2013.

CACCIARI, Massimo. *A cidade.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A prática espacial urbana como segregação e o 'direito à cidade' como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORREA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Orgs.). *A cidade contemporânea: segregação espacial.* São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-110.

CASTELLS, Manoel. Anjos e demônios das grandes cidades: a metropolização do mundo e o papel da religião nos problemas sociais urbanos. In: SISTACH, Lluís Martínez. (Org.). *Pastoral das grandes cidades.* Brasília: Edições CNBB, 2016. p. 29-49.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.* 2. ed. Brasília: Edições

CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. *Evangelizar*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Os desafios da cidade no século XXI*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUCH, Lluís. *Antropología de la ciudad*. Barcelona: Herder, 2015.

ECKHOLT, Margit. Vivir la fe en la ciudad hoy: las grandes ciudades latinoamericanas y los actuales procesos de transformación social, cultural y religiosa. In: ECKHOLT, Margit; SILBER, Stefan. *Vivir la fe en la ciudad hoy: las grandes ciudades latinoamericanas y los actuales procesos de transformación social, cultural y religiosa*. México: San Pablo, 2014. v. 1, p. 17-40.

FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Igreja numa sociedade fragmentada: escritos eclesiológicos*. São Paulo: Loyola, 2006.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

HALL, Peter; PAIN, Kathy. *The polycentric metropolis: learning from mega-city regions in Europe*. London: Earthscan; Sterling: Quicksilver, 2006

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993.

_____. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LIBÂNIO, João Batista. A Igreja na cidade. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 28, n. 74, p. 11-43, 1996.

LIPOVETSKI, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARDONES, José Maria. *Para compreender as novas formas de religião*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. (Comp.). *¿Qué es hoy la dignidad*

humana?. México: Universidad Iberoamericana Ciudad de México, 2015.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1975.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SISTACH, Cardeal Lluís Martínez. (Org.). *A pastoral das grandes cidades*: atas do I Congresso Internacional. Brasília: Edições CNBB, 2016.

SUESS, Paulo. Evangelização e inculturação: conceitos, questionamentos, perspectivas. In: FABRI DOS ANJOS, Márcio. (Org.). *Inculturação*: desafios de hoje. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUSIN, Luiz Carlos. Uma cidade para Abel: ângulos de uma teologia da cidade. *Studium Revista Teológica*, Curitiba, ano 10, n. 18, 2016, p. 11-44.

YORY, Carlos Mario. *Ciudad, consumo y globalización*: caracterización de las grandes metrópolis en el comienzo de siglo; una mirada desde la relación entre consumo y sociedad. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2006.